



A vida no claustro

O cotidiano rigoroso das irmãs carmelitas e clarissas, que vivem enclausuradas em dois conventos da região

■ 24 a 27

Vida contemplativa

A rotina no Convento de Santa Teresa e no Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula, os dois únicos da Zona Sul que são regidos pela clausura papal

• O dia em Santa Teresa começa cedo. Às 4h30m, irmãs carmelitas já estão de pé para dar início à rotina intensa de orações. O café da manhã se segue, e começam os trabalhos diários: cada uma tem suas funções, tal qual em uma casa de família. Louça, limpeza, costura e jardinagem são algumas das tarefas na casa de Deus.

Lá, o silêncio impera; e isto talvez explique o caráter contemplativo defendido pela Ordem. Risadas e brincadeiras, apenas no recreio, momento lúdico das irmãs.

Mas a despeito da seriedade do

cotidiano, a vida no convento continua inspirando fiéis, mesmo em tempos de redução do número de católicos no Brasil — segundo estudo divulgado em agosto pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, a porcentagem da população que se declara católica caiu de 73,79%, em 2003, para 68,43%, em 2009. O Brasil, no entanto, representa o maior contingente de católicos do mundo, e sediará em 2013 a Jornada Mundial da Juventude, com a presença do Papa.

Irmã Fabiana Maria, uma das freiras reclusas no convento de Santa Teresa, atribui o chamado a uma vocação inexplicável.

— Sabe quando você procura uma coisa que não sabe bem o que é? A vocação é parecida com isso. Você está bem, sua vida está bem, mas está faltando alguma coisa. Às vezes, a gente encontra pessoas que são felizes, têm filhos saudáveis, mas lhes falta o quê da vida. E a pessoa não sabe o que é, nem imagina que a resposta está mais perto do que ela pensa — atenta.

Não é o caso, por exemplo, de corações partidos ou decepções corriqueiras, motivos que normalmente atraem para a vida no convento.

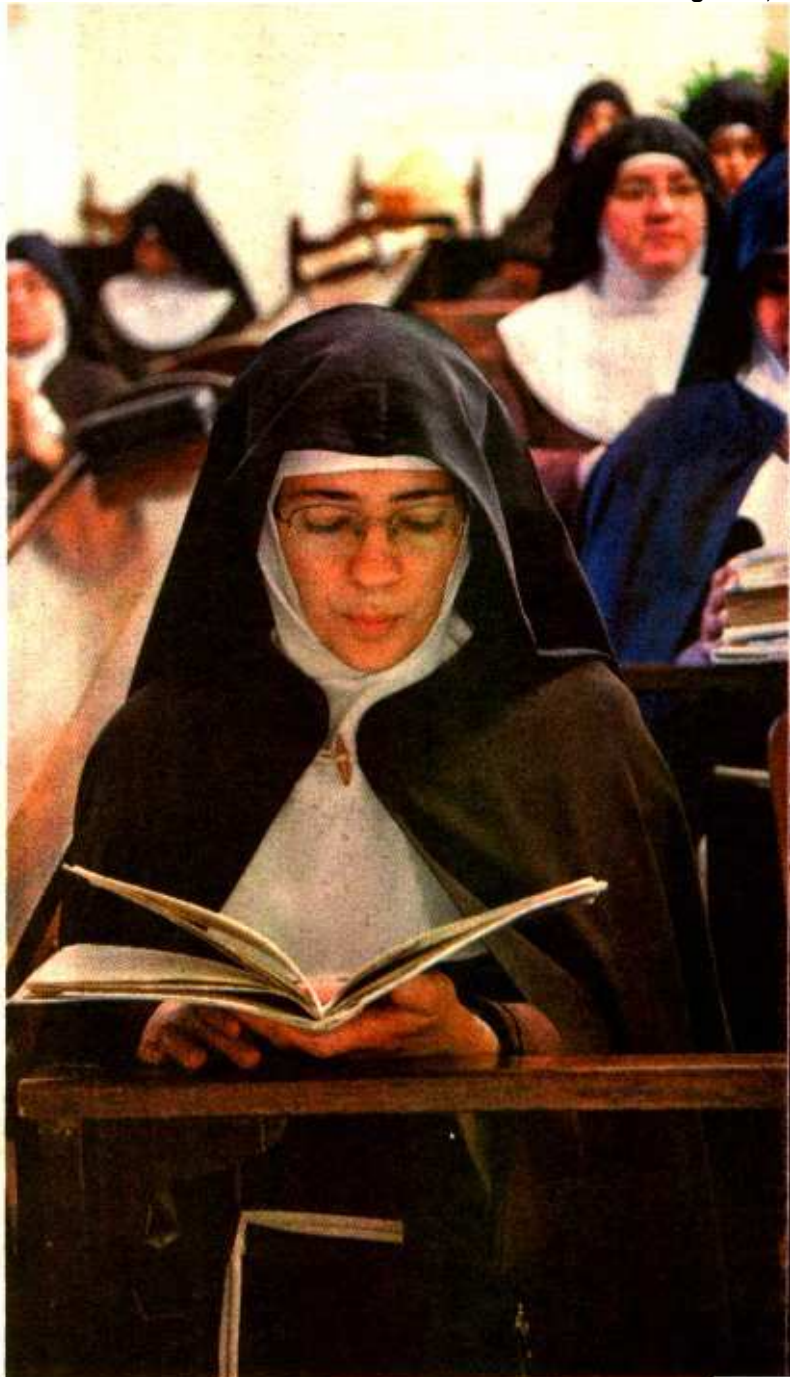
— A clausura é um modo de vida que pede um sacrifício, é um chamado especial. Ela reforça a fé para quem é chamado. Mas para quem não é, a clausura vai atormentar, e a pessoa não vai suportar. Tem gente que, ao passar por muitas dificuldades, pensa que a resposta está na clausura. Mas não é nada disso. Quem quer esta vida passa por uma seleção e, quando entra, não sai mais — reforça a irmã.

CARMELITAS E CLARISSAS EM UMA SÓ VOZ,
na página 26



■ NO CONVENTO das Carmelitas Descalças, irmã Fabiana Maria, abaixo, sorri por trás das grades que separam público e freiras no locutório: serenidade e orações



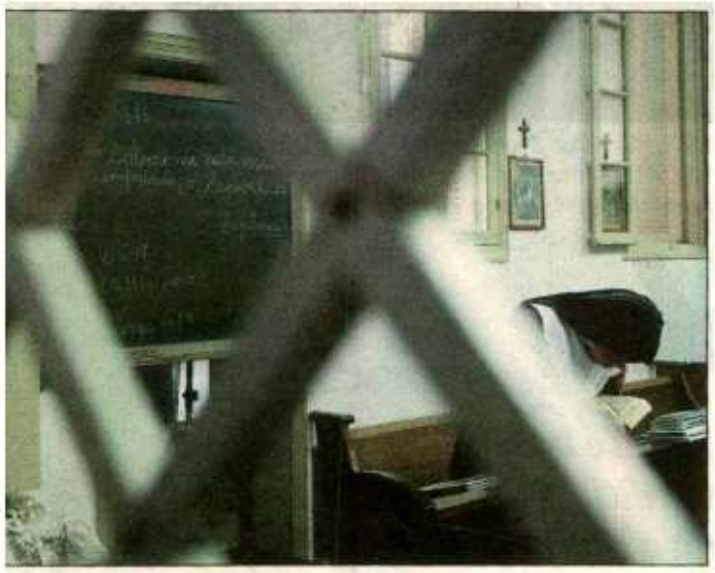
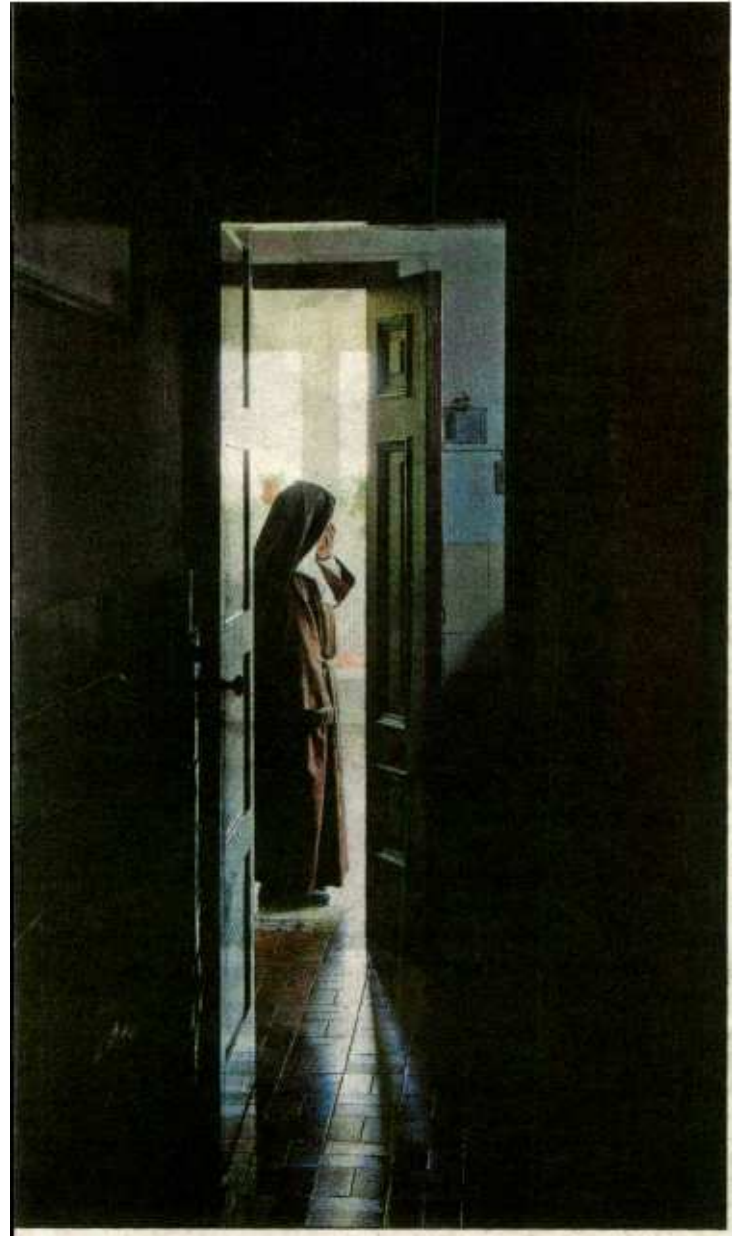


■ O MOSTEIRO Nossa Senhora dos Anjos, na Gávea, abriga freiras da Ordem de Santa Clara: Irmãs entoam cânticos em sala reservada ao lado do altar

“

A clausura é um modo de vida que pede um sacrifício, é um chamado especial. Ela reforça a fé para quem é chamado. Mas para quem não é, a clausura vai atormentar, e a pessoa não vai suportar

Irmã Fabiana Maria



■ NO MOSTEIRO de Nossa Senhora dos Anjos, na Gávea, são cumpridas as sete horas canônicas de oração: rotina de estudos e vida dedicada a Jesus

Carmelitas e clarissas em uma só voz

• As ordens — ou carismas — são diferentes, mas é mais que alçar orações aos céus o que une as freiras carmelitas e clarissas. Com a popularização da internet, mesmo as irmãs com voto de pobreza têm acesso a um computador conectado, por onde trocam e-mails entre si e recebem mensagens de fiéis.

É pelos terminais, também, e por aparelhos de televisão usados com muita parcimônia, que elas têm acesso a informações do cotidiano que não presenciam.

Pelo site <irmasclarissas.org.br>, é possível conhecer detalhadamente a rotina das clarissas, na Gávea. O convento conta com horta com diversos legumes, verduras, hortaliças e frutas, o que lhes garante boa parte do sustento. O restante vem de doações, que são muitas vezes redistribuídas a entidades carentes.

Além de tarefas cotidianas, elas se dedicam a pelo menos sete horas rigorosas de oração. São as horas canônicas, que se dividem ao longo do dia.

— Nós, monjas, temos a obrigação de rezar todas estas horas. A Igreja quer ter certeza de que mesmo se todos os sacerdotes, todos os fiéis estiverem ocupados, as monjas estarão rezando — explica a irmã Maria Helena.

Ela convive diariamente com outras 25 freiras, sendo uma delas uma noviça de 22 anos, recém-chegada de São Paulo.

— Ela dizia que, quando se casasse, queria morar em uma mansão grande e bonita, como as que via em São Paulo. Quando chegou no mosteiro, disse: “Ih, Jesus me deu uma muito maior” — conta, divertida, madre Pacífica.

Alçada ao status de abadessa do mosteiro, ela acumula 56 anos de vida monástica. Renunciou aos louros de sua família, notável em Minas Gerais, para viver na



simplicidade que a clausura papal determina.

— Era muito jovem quando senti um encontro com Jesus vivo. Não era só uma palavra do Evangelho. Resolvi simplificar a vida, as vestimentas. Tocava piano, e era como se Jesus estivesse falando por mim. Quando queriam me apresentar a algum rapaz, eu logo respondia: seu rival é Jesus Cristo — complementa.

Algumas irmãs usam alianças que reforçam, materialmente, o casamento com Jesus. Mas fora isso, são poucos os objetos pessoais: à exceção de óculos, eventualmente, tudo é compartilhado e de posse comum.

— A vida contemplativa é muito antiga. É até mais antiga que as outras. A clausura nasce por necessidade de uma vida mais radical, mais dedicada, mais retirada. Podemos ir ao médico e votar, por exemplo. Mas não podemos passear, ir à procissão, nem ninguém pode entrar. Apenas funcionários e pessoas com autorização do Vaticano. Por isso, recebemos todos no locutório — expli-

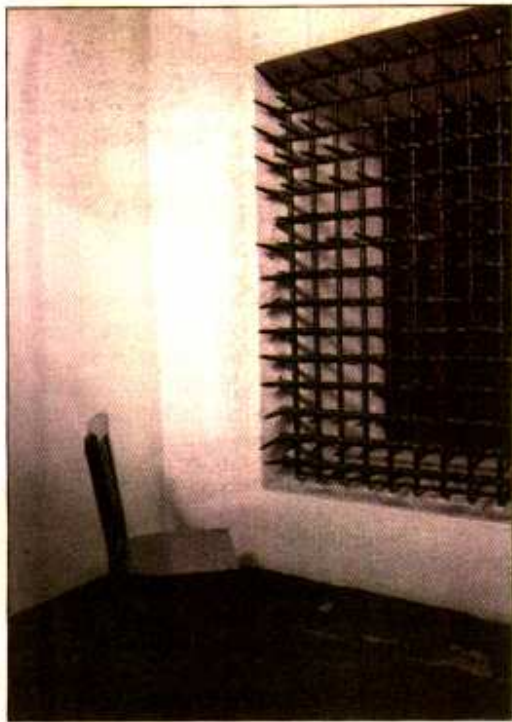
ca a irmã carmelita Fabiana.

As grades são simbólicas — e sua presença tem mais impacto no Convento de Santa Teresa, onde reforçam a distância com o público com pontas afiadas contra quem, volta e meia, precisa de uma palavra de conforto em um mundo cada vez mais desacreditado.

— Sabemos, sim, das coisas que acontecem no mundo. Além da internet, recebemos no nosso convento bilhetinhos e telefonemas de fiéis, e sentimos o sofrimento do povo. Muitas vezes chora com ele... É importante saber que a fé resiste. E ela é um dom, veio do alto. Eu creio que no fundo tem luz, nunca está tudo escuro — diz irmã Fabiana.

Nos dois conventos, o silêncio é apenas cortado por pássaros e lembretes da vida contemporânea, como helicópteros e aviões. Mas dentro das irmãs, as orações nunca se calam.





■ EM SANTA Teresa, pontas separam os visitantes das irmãs carmelitas nos locutórios: sem site na internet, mas com acesso a e-mails de fiéis

